

# **ALGUMAS RELAÇÕES ENTRE A SOCIOLOGIA E A BIBLIOTECONOMIA: um caso de amor?**

## ***RELATIONS BETWEEN SOCIOLOGY AND LIBRARY SCIENCE: a case of true love?***

**Valdir José Morigi<sup>1</sup>**

Recentemente defendi o relatório de conclusão do bacharelado em Biblioteconomia na *Universidade Federal da Paraíba* (UFPB), que teve como título *O bibliotecário estranhando seu próprio fazer: uma experiência em uma biblioteca universitária*. Nele, narro a minha trajetória acadêmica, uma vez que antes realizei o curso de Ciências Sociais, estabelecendo as pontes e as relações entre as formas distintas de conhecer e apreender a realidade dentro deste universo maior que denominamos sociedade, na qual me tornei um sociólogo-bibliotecário. Para tanto, partirei da noção de como concebo o estágio curricular obrigatório na universidade. E, posteriormente, de que forma realizei o referido estágio.

O estágio é uma síntese, um aprendizado, uma tentativa de colocar em prática tudo aquilo que se aprende, lê, pesquisa, debate ou discute com mestres e colegas em uma época e um tempo determinados. No meu caso, é mais que isso, ele é também uma reflexão crítica, um questionamento de muitos procedimentos, metodologias, conhecimentos, posicionamentos que tiveram sua origem quando iniciei o curso de graduação em Biblioteconomia na *Universidade Federal do Rio Grande do Sul* (UFRGS) em 1983, já cursando o quinto semestre de Ciências Sociais na *Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul* (PUC-RS). Continuei estudando nas duas Universidades até 1984, quando concluí Ciências Sociais, e em Biblioteconomia cursava um número mínimo de disciplinas. Em 1985, ingressei no curso de Pós-Graduação em Sociologia Rural também na UFRGS. Devido às exigências deste último, fui obrigado a reduzir ainda mais o número de disciplinas do curso de Biblioteconomia.

---

<sup>1</sup> Bibliotecário, Professor de Sociologia do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e Doutorando em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP).

É importante colocar como foi meu aprendizado durante este período em que realizava as duas formações: a Sociologia e a Biblioteconomia. A interdisciplinaridade tão almejada e proclamada pelo discurso acadêmico, no meu caso, foi muito mais sentida e vivida no cotidiano do que uma simples intencionalidade. Recordo que em muitas disciplinas cursadas aconteceram alguns conflitos pedagógicos, acadêmicos, ideológicos. De um lado, a formação do cientista social me aguçava o sentido crítico, questionamento das regras, normas sociais e do *status quo* da ordem social vigente.

Nessa época, embora a universidade estivesse bastante esvaziada de conteúdo político e movimentos de protestos estudantis, começavam a se delinear os primeiros sinais da abertura política, sendo os *Centros Acadêmicos* (CA) das ciências humanas os mais atuantes e combativos. Por parte dos colegas das Ciências Sociais não faltavam indagações: por que Biblioteconomia? O que ela tem a ver com a Sociologia? Questões que mais refletiam o não saber do que o saber. De outro lado, a formação do bibliotecário fazia com que me preocupasse com procedimentos técnicos do acervo da biblioteca, com coleções, com os livros catalogados e classificados nas estantes, com o acesso a informação ou não pelo usuário, preocupações estas, legítimas ao seu domínio, embora o usuário, na minha percepção, mais parecesse um objeto do que um ser pensante. Não posso afirmar que esta concepção tenha sido transmitida em todas as disciplinas. Tive professores contestadores que contextualizavam o que ensinavam e tinham autocrítica do seu trabalho, mas também peguei o final de uma geração onde o aluno mal podia se manifestar em sala de aula, prática completamente oposta nas Ciências Sociais, em que a participação do aluno era um dos itens fundamentais. Talvez esses choques tenham surgido pela ânsia do saber e do aprender do "novo" em conflito com a experiência do "velho", sabido, conhecido e já instituído. Aprendi muito na Biblioteconomia, aprendi a amá-la na diferença, principalmente as questões que mais davam o suporte das técnicas formais dos trabalhos acadêmicos, monográficos, algo um pouco desprezado e até esquecido por muitos nas Ciências Sociais. Quando cheguei ao mestrado já sabia trabalhar a informação dentro do texto, distinguia um índice de um sumário, fazia as citações bibliográficas segundo norma da *Associação Brasileira de Normas Técnicas* (ABNT). Ainda vejo muitos doutores cometendo esses erros primários. Hoje, é uma coisa banal, mas pergunto, na época, quantos

universitários ao se formarem sabiam minimamente tratar uma informação em um texto científico? Isso me ajudou na elaboração do projeto de dissertação do mestrado e na confecção desta.

Voltando à retrospectiva de minha trajetória intelectual e acadêmica, remonto ao período em que realizei o mestrado, não me afastei da Biblioteconomia. Pouco antes de concluir a dissertação comecei a trabalhar como professor de Sociologia e Métodos e Técnicas de Pesquisa em duas faculdades isoladas do Rio Grande do Sul. O tempo cada vez ficava mais escasso, pois, além de escrever a dissertação, tinha que preparar as aulas que ministrava. Em 1988, defendi a dissertação intitulada *Festas camponesas: um estudo em Estrela - RS* e no ano seguinte prestei concurso público para professor assistente na área de Sociologia na UFPB, Campus II, em Campina Grande. Fui aprovado e assumi no início de 1990. Como aluno, solicitei transferência ex-offício para a UFPB, Campus I, em João Pessoa pois em Campina Grande não havia o curso. Além da distância entre as duas cidades, havia o problema da minha adaptação ao Nordeste. A nova realidade profissional acabou consumindo muito tempo. Encarar duas ou três viagens semanais em uma região que pouco conhecia fez com que acabasse desistindo do curso. Como se isso não bastasse, teve início a perseguição ao funcionalismo público que começava a se delinear com ameaças de demissões, achatamento dos salários, entre outros. De 1990 a 1994, eu e o curso de Biblioteconomia estivemos separados, quando resolvi pedir remoção para o Departamento de Ciências Sociais da UFPB em João Pessoa. Assim que foi concedida, pedi ingresso como graduado no curso de Biblioteconomia e completei os créditos das disciplinas teóricas. Em 1997, o período em que eu iria realizar o estágio, novamente coincidiu com meu afastamento para capacitação docente, pois ingressei no Doutorado em Sociologia na *Universidade de São Paulo* (USP). Enquanto cursava os créditos na USP, tranquei o curso por um ano. Com a liberação das atividades de ensino, passei a me dedicar exclusivamente às atividades acadêmicas do doutorado, entre as quais incluí a pesquisa bibliográfica, busca de material bibliográfico, consultas às bases de dados etc., resolvi aproveitar esse momento e esse contato mais íntimo com a biblioteca e seus serviços e realizar este estudo. Neste, coloco-me sob uma dupla perspectiva, como conhecedor dos procedimentos técnico-administrativos adotados pelos bibliotecários, desde o tratamento até

a disseminação da informação e de outro como usuário, pesquisador, que utiliza tais serviços prestados pela biblioteca. Esta postura lembrar Grothey (1983, p.2-3) em que a autora coloca que "*saber como usar a biblioteca e usá-la realmente podem ser duas coisas diferentes*". Argumenta, afirmando que o conhecimento prévio das formas sob as quais estão ordenadas as informações, como consultar um catálogo de uma biblioteca pode ser de grande valia, mas existem formas de auxiliar o usuário, outros caminhos que nem sempre são colocados à disposição deste para a recuperação de uma informação. No entanto, continua ela, é muito difícil nos colocarmos do outro lado do balcão como usuários. Segundo sua perspectiva, "*todos nós precisamos recuar e dar uma olhada em como nós fazemos as coisas, tanto individualmente, quanto institucionalmente*". Nesse caso, ser o outro - o usuário - pode auxiliar os bibliotecários tanto nos serviços técnicos, como naqueles que envolvem o atendimento ao público. Muitos problemas e dificuldades que os usuários enfrentam podem levar a uma revisão e reformulação de muitos procedimentos adotados pela biblioteca. Ocorre que nem sempre o usuário tem coragem suficiente de colocar, quer de forma verbal ou escrita, as suas dificuldades e problemas durante sua busca de informação na biblioteca. Tornar-se usuário e olhar para o funcionamento da biblioteca e percebê-la de outro ângulo, pode ser uma experiência inovadora e, desta forma, o bibliotecário pode criar empatia com os usuários, o que torna o seu trabalho mais gratificante. Grothey (1983) conclui, afirmando que, para alcançar o objetivo de proporcionar o melhor serviço para os usuários, deve-se olhar de ambos os lados, de dentro e de fora do balcão.

Durante o estágio pretendi seguir o caminho apontado. Em um primeiro momento, como concluinte do curso de Biblioteconomia, foram realizadas todas as tarefas designadas e planejadas para o estágio curricular e, no segundo momento, o usuário destes serviços prestados pela biblioteca. Por outro lado, procurei responder àquelas indagações, tantas vezes repetidas, sobre as relações entre a Sociologia e a Biblioteconomia. Por isso, a escolha da Biblioteca Setorial de Ciências Sociais e Humanas da UFRGS, para a realização do trabalho. Como se deu esse processo? Outra perspectiva teórica recomendada pelo antropólogo DaMatta (1978, p. 28) no artigo intitulado *O ofício do etnólogo, ou como ter anthropological blues*, que em síntese consiste na tarefa de tornar "*o exótico no familiar*

*e/ou transformar o familiar em exótico*". Nos dois casos há necessidade da presença de dois universos simbólicos, uma sobrevivência de dois domínios por onde é possível transitar um mesmo sujeito disposto a situá-los e captá-los. A primeira postura do *exótico em familiar*, está muito mais próxima da atitude dos etnólogos quando viajavam para estudar sociedades distantes e pouco conhecidas como aldeias de tribos indígenas, procurando desvendar através dos seus costumes e regras os enigmas sociais a partir de seu próprio olhar ou de seus próprios universos simbólicos. A segunda postura *o familiar em exótico* centra-se na própria sociedade. Trata-se de estranhar as regras, os procedimentos, as formas de pensar, as atitudes impostas pela sociedade e as suas instituições, cristalizadas e reificadas pelos mecanismos de legitimação. Postura adotada como recurso metodológico e forma de obter informações, dados, que talvez permanecessem opacos, obscurecidos e ocultos pela visão familiar e rotineira do serviço bibliotecário. Ao adotar tal procedimento muitos elementos, nem sempre visíveis, contidos nestes serviços e na relação bibliotecário-usuário podem emergir, ficando mais transparentes ao olho do bibliotecário.

Em outro registro, Morin (1997 p. 20). ao refletir e ao se referir à ciência e ao estudo das sociedades urbanas, ditas complexas, afirma:

*"outro princípio muito importante, indispensável nas ciências humanas e sociais, permite rejuntar aquele que conhece ao seu conhecimento. Por exemplo, o sociólogo, ele é parte de um todo social, e o todo está dentro dele. Evidentemente ele não pode ter um ponto de vista objetivo, que lhe permita dominar, como num trono, o conjunto da sociedade. Ele tem de fazer um trabalho de auto-análise, de auto-exame, para tentar se situar e saber que é proprietário de um verdadeiro conhecimento já de início, mas que esse conhecimento é relativo"*.

Ser ao mesmo tempo o produto e o resultado desta experiência participativa, em que o bibliotecário se torna usuário e este em bibliotecário, pode fornecer elementos e indicadores que poderão ser utilizados como instrumentos de avaliação dos serviços realizados e prestados pela biblioteca, bem como aproximar mais os usuários da biblioteca e seus agentes, tornando a tarefa destes mais prazerosa e gratificante.

Este *caso de amor* não termina aqui. Muitas outras coisas ainda acontecerão, precisam ser plantadas para florescerem e darem frutos. Esta pequena retrospectiva da minha história acadêmica, que é ao mesmo tempo uma espécie de auto-análise, serviu para

mostrar que a Biblioteconomia sempre esteve presente. Ela faz parte de minha história profissional e também da minha vida. Essa combinação e complementaridade de formações é perfeitamente possível. Por que não celebrar um belo *casamento* entre os métodos de investigação e o pensamento sociológico com a Biblioteconomia, suas técnicas, seus procedimentos, que no fundo são esquemas construídos historicamente?

O que explicaria todo esse tempo de convivência e algumas interrupções com a Biblioteconomia? Somente a paixão! Essa que foi praticamente banida das nossas vidas. Sem paixão, a sociedade ocidental nos ensinou a sentir, fazer e realizar de acordo com uma ética compatível com a conformidade. Assim, aprendemos a obedecer os princípios desta sociedade, que dita as regras, baseada na racionalidade dos poderes já constituídos do negociante, do empresário, que faz o discurso da igualdade e a prática da desigualdade. Uma ideologia pautada em valores éticos daqueles que assumem que "*a virtude está no meio*", e se expressam mais ou menos desta maneira: "*não odeie muito, só um pouquinho, não ame muito, ame médio*"(Aguiar, 1993, p.115). Como se os sentimentos obedecessem a uma lógica eminentemente racional, contábil, mediada pela noção de lucro, matriz básica do pensamento capitalista. Ou será que a virtude está no extremo? A magia se perde quando perdemos o encanto e a paixão. Quando realizamos as nossas tarefas quase automaticamente, impostas mais pelo dever da obrigação do que pelo prazer e pela satisfação. Isso deveria ser recuperado. Será que a insatisfação profissional é uma decorrência apenas dos baixos níveis de remuneração? Será que nas escolhas profissionais não falta paixão? Nesta sociedade a satisfação e o prazer profissional estão associados ao dinheiro e ao que ele pode comprar (consumir). Tanto é que as profissões economicamente mais rentáveis são as mais procuradas pelos estudantes nas universidades. Nem sempre são elas que vão trazer realização pessoal e profissional. Parece que o amor profissional se baseia na racionalidade do mercado, quando os salários baixam, troca-se imediatamente por outra carreira *mais promissora* (quem ainda pode!).

Não estou afirmando que é por falta de amor que muitas profissões estão em crise, outras em processo de extinção. Longe disto! Estou chamando atenção para o fato de que esse tipo de racionalidade que se espalhou em todas as esferas matou a paixão e o amor enquanto utopias. O mundo acadêmico, em parte, também é responsável por esse

desencanto, o discurso do especialista acabou enterrando os sonhos coletivos, tornando-os inviáveis no nível imaginário, mas é preciso reagir. Alguém com a racionalidade prática encrustada perguntaria: pode-se viver deles? Eu perguntaria: podemos viver sem sonhos? Mesmo quando expressam desejos inconscientes não realizáveis?

Se o código do amor como paixão, que surgiu no século XVII, na França, não tivesse sofrido profundas transformações, diria que esse *casamento* entre o sociólogo e a Biblioteconomia seria a prova de amor, mas ele deixou de ser. É preciso encontrar novas formas de expressar esse sentimento. Talvez a elaboração de um novo código de amor que aposte menos em uma cultura com uma racionalidade objetiva, mas em uma codificação da intimidade que deixe os indivíduos libertos em relação as suas escolhas sejam elas quais forem (Luhmann,1982).

As questões levantadas no início que se referem à minha trajetória intelectual e acadêmica em que procuro aproximar, estabelecer os elos e as conexões entre a Sociologia e a Biblioteconomia, não obstante a fragmentação do conhecimento acadêmico instituído e reproduzido pela própria academia, através da prática do estágio, estas relações e ligações, na minha forma de compreender o mundo, ficaram mais aparentes e claras. Como primeiro ponto destas relações destacaria a própria história das bibliotecas e da Biblioteconomia, e a forma como se disseminou o conhecimento e o saber na sociedade, sempre marcadas pelo contexto histórico-social (insere-se aí o político, cultural e econômico). Os princípios científicos e filosóficos sob os quais se fundou e se constituiu esta ciência aplicada estão intimamente vinculados às *pegadas* da marcha histórica da sociedade ocidental, que têm uma racionalidade própria. A Biblioteconomia acompanhou e vem se adaptando às mudanças sociais e tecnológicas impostas por esta mesma sociedade, e a esse modo de fazer ciência do mundo ocidental capitalista.

Ao fazer tais colocações, estou inserindo a Biblioteconomia, seu aporte teórico e suas técnicas de tratamento e disseminação da informação, dentro do conjunto e do contexto social e seus desdobramentos históricos. Isso equiivale afirmar que, dentro desse processo de evolução histórica, as bibliotecas como disseminadoras do conhecimento e gerenciadoras da informação passaram a ter um papel muito importante, na medida em que possibilitavam o acesso a estas informações. Por outro lado, as técnicas, os procedimentos,

as formas de classificação, os conceitos, as formas de pensar, as posturas e atuação profissional e até os próprios laços de solidariedade que se criam entre estes profissionais e suas formas associativas constituem modos de agir, pensar e sentir, em uma forma mais clássica são fatos sociais. Essas regras e padrões ou esquemas construídos individual ou coletivamente fazem parte de uma configuração histórica mais ampla (Elias,1994).

Outra questão levantada refere-se ao estranhamento das tarefas e atribuições do bibliotecário. Ao me tornar usuário dos serviços oferecidos pela própria biblioteca que se constituiu o campo do estágio, pude observar e perceber que a rotina permitiu um domínio eficiente dos procedimentos, por estarem incorporadas e assimiladas, até por uma certa "tradição" da biblioteca. Principalmente, em se tratando de uma biblioteca parcialmente informatizada, que alimenta uma base de dados, que recebe orientações que são padronizadas para que o sistema informatizado funcione. As formas de acesso à informação são várias e o domínio destas técnicas dá uma maior agilidade na recuperação da informação para o usuário. Aspecto que somente a rotina cotidiana permite o pleno domínio de toda a simbologia utilizada pelas bases de dados e manipuladas pelo cientista da informação (inclui o bibliotecário). Como o público a que se destina a biblioteca são professores, estudantes universitários, esses códigos e símbolos são facilmente dominados pelos usuários. Mesmo assim existem alguns que preferem a forma tradicional da consulta ao catálogo manual, ao invés de utilizar o sistema informatizado. Um estudo a respeito desses usuários, que identificasse esses motivos, valeria à pena ser pesquisado.

Como usuário, pude perceber que essa multiplicidade de códigos, símbolos, às vezes deixa o usuário um pouco perdido, uma vez que ele não domina o processo, apenas recebe o produto como resultado final, pois ele precisaria desvendar toda uma linguagem e simbologia adotada para recuperar a informação. Nem mesmo os sistemas de informação adotam uma linguagem uniforme e isso oferece algumas dificuldades. Percebe-se o gesto de felicidade quando ele consegue localizar a informação que se encontra em algum periódico na biblioteca ou na sua forma de agradecer a localização de algum livro ou texto em língua estrangeira.

Essas observações foram possíveis, primeiro me tornando usuário da biblioteca para fins de realização da minha pesquisa, e segundo, durante o atendimento ao usuário, em que

procurava colocar-me no lugar dele, numa relação empática. Isto é, tentando compreender os seus motivos e as suas razões. Poderia acrescentar que as interações entre a Sociologia e a Biblioteconomia não se esgotam aí. Existem outras, entre elas a própria relação entre informação e sociedade, pois envolve muitos outros aspectos sociológicos relacionados aos usuários, bibliotecários, bibliotecas e seus serviços. Questões que podem ser exploradas em outros estudos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 AGUIAR, Roberto. Justiça. In: CLÍMACO, Clodomir de Souza (Org.). *Fórum do pensamento inquieto*. Brasília: UNB, 1993. p. 97-118.
- 2 DAMATTA, Roberto. O ofício do etnólogo ou como ter anthropological blues. In: NUNES, Edson de Oliveira. *A aventura sociológica*. São Paulo: Zahar, 1978.
- 3 ELIAS, Norbert. *Mozart: a sociologia de um gênio*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.
- 4 FREUD, Sigmund. *Obras completas*. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1994.
- 5 GROTHEY, Mina Jane. O bibliotecário como usuário: um depoimento pessoal. *Colege & Research Libraries News*, Chicago, v.44, n.7, p.237-238, July/Aug. 1983.
- 6 LUHMANN, Niklas. *O amor como paixão: para a codificação da intimidade*. Lisboa: Difel, 1982. (Memória e Sociedade).
- 7 MORIN, Edgar. Complexidade e ética da solidariedade. In: CASTRO, Gustavo de (Org.). *Ensaio de complexidade*. Porto Alegre: Sulina, 1997. p.15-24.